

Edney Silvestre. *Amores improváveis*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. 192 p.

O romance *Amores improváveis* termina com um capítulo de frase única, declarativa e redundante: *Toda história de amor é uma história improvável* (p.179). O acontecimento literário, entretanto, se coaduna com as palavras da epígrafe que segue ao título: *Nossa vida é uma obra mágica, que escapa ao reflexo da razão e mais rica se torna quanto mais dela se afasta, abraça o oculto e vai contra a ordem aparente das leis* (p.5). Retiradas do poeta italiano Gabriele D'Annunzio, essas palavras ganham sentido através de caminhos cruzados por brasileiros, imigrantes e estrangeiros na criação ficcional de Edney Silvestre.

Escritor fluminense e jornalista de longa data, natural da cidade de Valença, Edney Silvestre (1950) se destaca também como cineasta, documentarista, apresentador de televisão, dramaturgo, cronista e roteirista. Iniciou carreira na agência de notícias da Bloch Editores, escrevendo depois para as revistas *Fatos e Fotos* e *Manchete*. Em seguida, passou a escrever para a revista *O Cruzeiro*, fundada por Assis Chateaubriand, veículo por onde passaram muitos autores da literatura brasileira, como José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz e Adonias Filho. A revista foi pioneira no chamado fotojornalismo brasileiro. Dos anos 1970 a 1990, atuou na publicidade e na produção cinematográfica experimental, atividade que o levou aos Estados Unidos, em curta temporada. De volta ao Brasil, escreveu crônicas para o caderno Ela, do jornal *O Globo*, de onde foram selecionadas as 30 crônicas de *Dias de cachorro louco* (Record, 1995). Da estreia literária ao primeiro romance, esteve em New York como correspondente da Rede Globo, voltou a atuar no telejornalismo do Brasil e foi apresentador do programa Espaço Aberto de Literatura, da Globo News.¹ Se

¹ Edney Silvestre. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/edney-silvestre/>. Acesso em: 26 out. 2021.

eu fechar os olhos agora (Record, 2009) foi o romance vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria autor estreante.

O crítico de arte inglês John Berger afirma que hoje sobram as imagens em qualquer lugar. “Nunca se havia retratado e observado tanto. Em qualquer momento vislumbramos como se veem as coisas do outro lado do planeta, ou ao outro lado da lua. Aparências registradas e transmitidas a uma velocidade do raio”.² *Amores improváveis* é feito na justa medida de uma página escrita para uma página de imagem. Os créditos estão dados ao final do livro, imagens com procedência, algumas assinadas por artistas da pintura, do desenho e da fotografia, como Johann Moritz Rugendas, Marc Ferrez e Otto Hees.

A história conduz o leitor, inicialmente, através da chegada de imigrantes sardos à cidade de Ourinho e termina com a partida dos mais velhos, intervalo de tempo em que acontecem os amores improváveis, e a migração de três filhas para outras cidades do Brasil. O romance tem estrutura demarcada pela divisão em páginas com desenho a bico de pena, que reúnem capítulos com subtítulos curtos, indicando nomes, pormenores, sentimentos e localidades. O começo e o fim estabelecem uma circularidade, desde a cena inicial do encontro até a despedida de Emiliana e Felício Theodoro, a jovem descendente que se envolve com o rapaz negro, preso a um casamento arranjado. Nesse sentido, o livro tem como tema central a tradição da família perante a ruptura de valores, no período finissecular entre o Império e a República brasileira.

Segundo um preceito antigo, a primeira filha de família italiana não casa, fica para cuidar dos pais, o que também acontece com a brasileira Emiliana, embora tenha vivido secretamente um amor improvável. A filha mais jovem, Fortunata, deixa a família às escondidas para seguir uma paixão inevitável, produzindo a perda de horizontes dos pais perante sua ausência e posterior notícia da morte, em terra distante. Desse modo, o desejo que leva o homem a romper com as convenções sociais precede o painel temático do romance, feito de trânsitos culturais, de relações do trabalho e capital, da

² BERGER, John. *La forma de un bolsillo*. México: Ediciones Era, 2002. p. 10.

construção ferroviária, da política nacional, da realidade histórica, enfim, da formação da sociedade brasileira.

A primeira metade do romance apresenta as relações entre brasileiros, imigrantes e estrangeiros. Por brasileiros se entende a presença de lusitanos, africanos e tribos Puris, antes da chegada dos imigrantes. Os negros viviam sob o controle da Igreja e dos senhores na cidade. O pároco da igreja recolhe um menino negro, cuja mãe fora assassinada, colocando-o sob os cuidados de uma negra alforriada, que o ensina “a comer com talheres, fazer contas, escrever, ler, rezar, cozinhar, calar, obedecer” (p.17). Ela tem uma filha pequena, que, ao se tornar moça, será concubina do padre. Mas os filhos dessa união serão atribuídos ao jovem negro. É por ele que Emiliana se encanta.

O governo do Império contratara junto às autoridades italianas a vinda de trabalhadores imigrantes para substituir a mão de obra escrava na lavoura de café. Concetta Ogliastro e Vincenzo Vivacqua vieram de Orune, vilarejo localizado na ilha da Sardenha. As condições contratadas não correspondiam ao que se dava na prática, de modo que o casal deixou a fazenda, a pé, seguindo os trilhos da estrada de ferro, rumo ao Rio de Janeiro, onde pensava embarcar de volta à Itália. Assim, chegam a Ourinho, onde Concetta dá à luz a primeira filha e Vincenzo se emprega no armazém do povoado. Naquele momento, acontece a mudança do regime político, via um golpe militar, levando a família do Imperador ao exílio e extinguindo o contrato de imigração. Após dois anos, tiveram as filhas gêmeas Angela e Adelina. Tempos depois tiveram a caçula Fortunata.

Edney Silvestre por meio da éfrase, na esfera das imagens coladas aos textos, consegue pôr em evidência a beleza, o sonho da América, a riqueza cultural da Itália, na culinária, na engenharia e na poesia. O capítulo “Cozinhas” ilustra a diversidade culinária trazida pela família italiana no Brasil e pelos jovens engenheiros italianos que namoram as moças gêmeas. Três regiões italianas aparecem nos pratos nomeados na cena: a pasta *culurgiones* da Sardenha (p.89), o prato *fegato alla veneziana* do Vêneto (p.90) e o cozido *cavolfiore alla milanese* da Lombardia (p.90). Com esta descrição, o escritor realça relações interculturais, mas também a sutil máquina do desejo operando através da finura do paladar e do refinamento culinário. O capítulo inicia com Emiliana,

sem jeito para a cozinha, e segue com a discreta Fortunata, lembrando a importância de satisfazer o esposo com pratos saborosos de sua região.

A poesia ocupa um lugar determinante no romance. Aparece na epígrafe, no capítulo “Poemas”, na fotografia de livro aberto, em outra de livros empilhados e com o nome do poeta inscrito na fachada do *Instituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri*, capítulo “1913”, onde estudam os filhos de Adelina. Aparece também na descrição minuciosa e paulatina que Emiliana faz do moço com pele cor de jabuticaba. Tem ponto alto na série de capítulos em torno da paixão de Fortunata, acontecida de uma forma que ninguém esperava. A caçula desperta para a poesia com os livros de D’Annunzio, na leitura que deles fazia o engenheiro Ruggero, quando das visitas a sua irmã, movida pela sonoridade dos versos. Tornou-se leitora sensível da poesia de *Canto Novo*.

A leitora de poesia se mostra em duas cartas endereçadas aos pais: a primeira encontrada em seu quarto, no envelope sobre o travesseiro; a segunda trazida de São Paulo, pelo cunhado, onde esteve de passagem e partida para Manaus, norte do país. Da primeira carta, Edney Silvestre desdobra uma série que explora o suspense, pelo jogo de entrega do texto por partes, sendo a última a composição inteira. Ela pede perdão aos pais e à irmã, pelo improvável amor, desdobrando o verso de D’Annunzio – *Não existe desgosto maior para quem ama do que o sofrimento que seu sentimento altruísta possa provocar dor a quem venera* (p. 135) – em meio à expressão de seus sentimentos. Revela sintonia entre a vida e a poesia.

Da segunda carta, o narrador informa que “permaneceu fechada e guardada no fundo de uma gaveta da cômoda do quarto da mãe, tal como Matteo a entregara” (p.155). Foi aberta quando as irmãs gêmeas vieram de São Paulo com a notícia da malária. O texto da carta vem ilustrado pela foto de três malas vintage, com sinais de uso e etiqueta, trazendo o estilo da missivista com domínio da poesia e língua italiana. Ela retoma um pensamento da primeira carta, “nada é mais triste do que trazer sofrimento a quem se ama” (p.157), propondo a ele uma releitura tirada do mesmo Gabriele D’Annunzio: *seremos felizes ou ficaremos tristes, quem se importa? Estaremos juntos. E isso deve ser, isso é que é essencial* (p.157).

Do paralelo entre a imagem e a palavra, quando a história imaginada encontra a criação artística na poesia e na fotografia, Edney Silvestre fabrica um romance a partir da falta de lógica dos afetos, aproveitando as motivações da experiência familiar, que corrobora de maneira profunda a autêntica dimensão do humano. Na crônica introdutória, que antecede o primeiro capítulo, as viúvas lutam para sobreviver com filhos pequenos e escassos recursos, mas não perdem a ternura de um doce ao final do mês. Na crônica final, o escritor explica a relação das palavras amor e improvável através de uma história de encontros proibidos, vista no tempo de menino, e das memórias que inspiraram o romance. E com vívido entusiasmo pelo tema e harmoniosa composição iconográfica, colhe delicadamente interações humanas das mais difíceis.

Wagner Coriolano de Abreu

Universidade Federal do Pampa/Unipampa